

O AZEITONENSE

• • • PROPRIEDADE • • •
 do Sr. Manoel Azeiteiro
 • Redacção e Administração •
 Rua da Princesa, 45, 1.º dir.—LISBOA

Toda a correspondência deve ser remetida para
 a Rua da Princesa, 45, 1.º dir.—Lisboa—com
 para Frederico Valido—Via Republicana—Lisboa.

Publica-se aos domingos

Não se recebem originaes nem se publicam

Não se aceitam commoções anónimas

• • • EDITOR • • •

Frederico Valido

Orgão independente defensor dos interesses de Azeitão e arredores

<p>ADMINISTRADOR Manuel Faria de Bettencourt Redacção e Impressão na Tip. da Casa R. da Cunha e Sá—Lisboa—LISBOA</p>	<p>DIRECTOR Gastão Faria de Bettencourt Domingo, 10 de Agosto de 1919</p>	<p>PREÇOS DE ABONAMENTOS Pagamento adiantado Trimestral..... 300 (300 réis) Semestral..... 570 (570 réis) Anual..... 1.170 (1.170 réis) Abonados pagam por correspondência</p>
---	---	---

A nossa iniciativa

Como era de esperar foi aqui recebido entusiasticamente o primeiro numero do «Azeitonense» e são já bastantes as pessoas que se nos tem dirigido para assinarem o nosso semanario.

Isto compoem um pouco as difficuldades com que lutamos, e eucliosos de coragem para continuar a nossa missão, confidões de que muito uteis poderemos ser á querida Azeitão, que nos combõe desde tannaninos, com o nosso trabalho, cheio de amor e de fé, como é aquele que dedcamos á realisação das nossas mais queridas aspirações, que são o engrandecimento dessa terra abençoada por Deus.

Temos recebido tambem cartas de aplauso e incentivo. Mas oxalá que, como em todas as coisas, se não fique por aqui.

Nos somos poucos e pouco podemos fazer, aliás que, se se permittem o trabalho do nosso esforço, bem seris que nos auxiliassem todos aqueles que temo ligados a esta terra—interesses mais materiais que os nossos—que são apenas affectivos—.

A imprensa é a pedra do toque da civilisação de um povo, mas é necessario que ela se interesse no seu verdadeiro papel de educadora desse mesmo povo.

Faremos tanto quanto em nós couber e para quanto chegar o nosso esforço para cumprirmos, a dentro dos pequenos moldes do nosso semanario, esta missão tão elevada e tão nobre.

Aqui apresentaremos tambem alvites que nos parecem de grande interesse para esta terra da encantada beira.

Mas, dar-lhe-ia se é alguma coisa, é muito pouco em relação ao valor de as pôr em pratica.

Para isso contamos em todos os nossos amigos, em todos aqueles que dedicam algum affecto a este canto precioso do nosso querido Portugal.

Aos nossos colaboradores

Para maior regularidade do nosso servico pedimos a todos os nossos estimavos colaboradores que nos enviem os seus originaes com a maior urgencia, sendo sempre conveniente que nos cheguem ás mãos ás segundas feiras, o que muito agradeceremos.

CONFERENCIA

Na proxima 5.ª feira, pelas 21 horas, realisa o nosso Director e querido amigo, uma conferencia sob o tema «A educação e o nosso tempo», na sede da Juventude Católica de Lisboa, Rua das Pedras Negras, n.º 30, 1.ª—Lisboa.

CARTAS A UM AMIGO DISTANTE

IX

O' tristes lalios meus, vezir, vezir!

Meu caro irmão:

Para quem detesta o mundo, que maximo consolandor beneficio o fugir dele!

E em fugi nesse dia! Manhã cedo; sombra e silencio se juntavam á minha alma, mostrando-lhe formas belas para contemplar. Por vezes o Sol esforçava um sorriso na melancólica sombra.

Um velho trem levava-me pela estrada zig-zagueante que vai de Azeitão a Calliariz e que depois, em mais acidentado caminho, vai terminar junto do convento dos frades franciscanos que, como por milagre se ergue a meio da Serra da Arrabida, de tradição e lendas.

A cada momento todo o nosso ser ajoelha ante a grandiosidade dos panoramas que se desdobram.

A encosta verde-jante remoreja ao cindear subtil das ramadas bravas, que se debruçam sobre o Sado azul e meigo. E que contraste! O conjunto solorio da encosta em que tantos verdes se enarancham e confundem, e em que por vezes assoma o arremesso brutal da rocha árida e acidentada, com o fundo meigo, sereno e melodioso do rio que caminha atroz de esperanças que não alcança...

E, ao longe Troia sob a areia que o Sol doira.

Velas brancas, como esperanças d'almas, preenchem recorte gracioso no azul tranquillo e doce e pela serra acima vagaroso e pensativo, caminha o silencio.

Ao barulho que faz o trem, em seu caminho roncador, despertam barboetas

do seu letargo e aves assustadas, como pensamentos alidos, cortam o ar, que o Sol já tornou de festa.

As moltas do caminho rezim e na estrada enlaçada ba gotas do orvalho como perolas, que a madrugada espalhou; para acalmar no desespero a vegetação sedenta.

Numa volta brusca do caminho, novo panorama se desdobra e ao olhar a profundidade do abismo que como nos estende os braços, convidando-nos para nêles repousar eternamente, uma força estranha nos domina e obriga a meditar.

É vazio que o convento, muito branco, surge como que engastado no verde austero, a que não falta a tristeza dorida de dois ciprestes ensosnes.

São as sentinelas do silencio que olham com tristeza a paisagem.

Ao entrar no convento, que o silencio envolve de mysterio e de angustia, sente-se a alma envolvida num misticoismo extranho e o cheiro das avezinhas e o perfume suave do bucho verdejante, dão-nos consolação e ternura.

Um santo enorme, S. Martinho, com a boca fechada por um cadeado negro, é como que um aviso para não perturbar a doce calma desse retiro mistico, impondo-nos meditação chamando-nos para orar.

No fim o corredor e no patio arborizado, perpassa um murmurio toda a pureza da vida que ali se vivem outrora.

E sentem-se saudades do que não vimos, mas do que calculamos ter existido.

Mas que doloroso contraste!

A malvezada humana deixou por toda a parte o cunho da sua imbecillidade. A cada

D. GRACINDA DE MATOS GALAMBÁ

Terminou já o curso de professora a Sr.ª D. Gracinda de Matos Galambá, filha da antiga professora da Escola Oficial de Azeitão, Sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes Galambá.

A esta senhora e a sua filha as nossas felicitações.

Visita

O nosso amigo e illustre vereador do pelouro de Azeitão visitou no dia 30 passado as obras da Abegoria municipal e casa para a guarda.

Quando será que terão fim estas obras?

José Cabruja

Tem melhorado muitissimo dos ferimentos recebidos no desastre de que foi victima no dia 27 do mez passado, este nosso querido amigo do Seixal, a quem desejamos o mais rápido restabelecimento.

LEMBRANÇAS

É de toda a conveniencia que não deixem de todos os dias se fazer as rezas e que estas sejam feitas com mais cuidado.

—Extra-bamos que havendo uma carroça para recolha do lixo, junto da estação do correio, por vezes, se encontram montões dele, que em dias de calor, como estes ultimos, exalam um pessimo cheiro.

—Era bom que o dignissimo chefe de conservação de estradas, sr. Pereira, visse a fórma como foi concertada a estrada entre Azeitão e Setúbal, pois apenas lhe puzeram terra, o que equivale a dizer que ficou na mesma, se não peor.

CUMPRIMENTOS

Bastantes jornais de Lisboa se referiram ao nosso aparcimento, saudando-o. A todos eles o nosso reconhecimento.

momento uma profanação nos contage, um sacrilegio nos mgoas, um crime nos atinge.

O convento é triste e as relíquias que do momento a momento o nosso olhar perarosamente contempla, enchom-nos de pena e dor.

Nun corredor sombrio, cheia de imagens de santos, parece que se veem passar vagarosamente essas frades tristes e no banco enorme da (tipo o caído f), parece que estão meditando esses fugitivos do mundo.

Dentro do convento, pelos corredores estreitos, ha como que misteriosas sandades, que as almas que ali viveram, so partir, deixaram.

Espalhadas pela encosta da serra, capelinhas perdidas a que não falta a sombra melancólica dos ciprestes. E todos elles estão como que orando pelas almas que ali passaram.

Tanta tristeza!
Tanta gravidade!

E tudo isto nos envolve num extranho misticismo.

A nossa alma, cheia de uma benéfica ventura, reza, reza com acção e boa prescancia todos os mysterios de que nos falam essas paredes brancas, esses corredores sombrios, gastos pelo tempo; onde ha lembranças fugitivas, leve passar de deslizes, que ali adorneceram.

Visitando as celas estreitas, cujas janelas olham o Sado tranquillo, sob a doirada benção do grande patriarca... o Sol — ali queria ficar eternamente, contemplando esses longos bemitidos, adorando essas aguas, cheias de ancias como eu, lendo nelle os mysterios do infinito. Nas tardes de primavera calma, ouvi-la cantar suas esperanças e de inverno, nas noites tristes, chorar com elas as dores do mundo!

Viver da adoração dessa riquissima paravall, dessa beleza sedutora, dessa tranquillidade que não tem rival!

Mas urge que nos arranquemos dali e embora o espirito largo tempo lá fique em oração, temos de caminhar porque o tempo corre.

E caminhamos absorvidos, presos, embalsocados, tanto que não damos sequer pelas asperzas do caminho.

Vamos até ao Solitário, cujo nome é bem eloquente, e ali a nossa alma ajoelha e reza, e chora.

E que oração ardente!

Os murmurios da agua cristalina de uma fonte, o chilrear das avezinhas, o rumorar dos ramos das arvores, segredando amores, formam como que um hino suave de dedicação, que acompaña nossa alma, e a acalenta.

Ahi como Herculeano devia ter sentido a beleza dessa re-anito lido do mundo e da vida, ver-a-lhe esse sonhado por imaginação fantasista! Como ele a sentir sim, tal-a-não disse o Rocio, a sua obra. Foi ali que Herculeano, esse «bonco de arguilla, talento e devocio» no livro do Sr. Visconde Vila-Moma, conheceu essa obra admiravel, essa joia preciosissima da litteratura da minha terra.

E quem não ha-de sentir-se grande, imenso, nesse bosque de lendas, onde a alma voeja litrentente! Então é que a saudade que apenas vagamente nos fala a lembrança!

Neste Solitário, abrigo para os desiludidos e consolador refugio para os tristes: ali, nesse segundo Paraíso de Belezza, vivi em duas elementares horas uma vida doce, uma vida suave, de que levei sempre sandades, muitas sandades.

Al sonhei eu, ai contemplei as formas

correctas, as formas etereas da Arte. Al falei com a Quimera, ai beijei a sua mão branca e fria.

E nos pés da Deusa da Belezza eterna, ajoelhei, contemplei, rezei.

O sol lá a extinguir-se e pelo firmamento, farrapos vermelhos morriam pouco a pouco. Uma faixa verde separava o céu do mar. Silencio profundo envolvia as ondas. Tudo parado, no tempo, a essa hora da infinita angustia. E o crepusculo, pouco a pouco, povoava a terra de sombras.

Foi então que, numa tristeza infinita, minha alma recitou esse soneto admiravel de Teixeira de Pascoaes, essa prece, esse suspiro, essa elegia!

«O' tristes labios meus, rezae, rezae!
«E a hora, sim, do enigma. Eis o momento
«Da eterna unção da Luz... E todo vae
«Com ella. E só nos fica o pensamento!
«Pela flor que murchou no esquecimento;
«Pelo aza que se eleva e logo cae;
«Pelo sol, pelas nuvens, pelo vento,
«O' tristes labios meus, rezae, rezae!
E como elle eu tambem

«Sinto em mim um vago horror profundo,
«Uma tristeza já de fim do mundo,
«Como se nunca mais bonesse dia...»

A lua subia lentamente no ceu. Quando voltei trazia Sandades na alma e lagrimas nos olhos, mas sentia-me bem.

—Teu muito amigo

Castão de Bettencourt.

Azoião — V. Nogueira,

Sextembro — 1918.

(De um livro a sair)

Trouxe-nos a mão generosa de um amigo a carta da ex.ª sr.ª D. Estefania Costa e é um interessante artigo que abaixo publicamos gostosamente.

«E'nos grato bastante registrar essas palavras de louvor e incentivo que são bem um suave conforto no meio da lucta tenacissima que é a nossa vida.

Não conhecemos pessoalmente a illustre senhora, que, generosamente, filialmente como herdeira das senhoras de outrora, que levavam aos cavalheiros da meia idade, ao partirem para as grandes conquistas, o conforto das suas palavras de esperança e do seu affecto, nos vem tambem trazer as suas carinhosas palavras de refrigerio e de incentivo.

Bem hajam as mulheres da nossa Pátria, que antevêm elevada a sua missão na terra e que procuram, á força do seu valor, atingir essa elevação, cumprindo nobremente com a sua sagrada tarefa.

Mas uma coisa ha que eu não posso ouvir dos labios de uma senhora sem um estreme-finito, sem um arripio de desagrado. E' a palavra «Feminismo». Da-me logo a impressão de ver a mulher com os seus admiraveis cabelos, onde ha sombras de quiméras, enrolados e escondidos num chapéu de feltro, uns bigodes enormes assum breando a sua boca preciosa e linda, qual botão de rosa rociado pelos oculos da maldredada e as formas soberbias, delicadas e puras que têm sido o sonho dos grandes artistas, m-delos caprichosos e impecaveis da suprema beleza, detormados nos fatos masculinos que, entretanto não, homens, vamos tornando de afeminado ridículo.

Ahi minha carissima senhora, que do-torosa visião cessal

Veraneando

Partiu ha dias para a Serra d'Arrábida, acompanhado a sua esposa, o nosso amigo Sr. Joaquim Milhã Rocha.

—Está tambem na Serra d'Arrábida, ha já dias, o nosso amigo Sr. Castano Carvalho Lopes e sua Ex.ª familia.

—Chegou de Lisboa o nosso querido amigo Sr. Ignacio Bastos Cruz, acompanhado de sua Ex.ª familia, que vem, como de costume, estar aqui algum tempo nas suas propriedades.

Folgamos imenso com a sua estada junto de nós e apresentamo-lhe os nossos cumprimentos.

—Partiu no domingo passado para Viana, afim de fazer sua das aguas, e nosso amigo Sr. Gil Augusto Mira, desejando-lhe que tire os melhores resultados.

—Archeo entre nós o Sr. Miguel Santos e sua Ex.ª familia.

—Já se encontra na sua propriedade, onde passará a estação calmosa, a familia Miranda Barbosa.

—Estave aqui ha dias o Sr. Presidente da Camara de Setúbal, que, acompanhado dos seus vereadores, visitou as obras commecadas aqui por conta da nossa Camara.

Boas Noites

Encontra-se um pouco melhor o nosso amigo Sr. João Carvalho Oliveira, a quem desejamos rapido restabelecimento.

Casamento

Realiza-se no dia 7 de corrente na Igreja de S. Lourenço e enlace matrimonial do Sr. José Saes, empregado da firma José M. da Fonseca Saes, Farma rodoviaria da Ex.ª Dr. Antonio Soares Franco Jr., Jorge Franco da Paiva e D. Maria Julia do Carvalho de Oliveira Rosi.

«PERPETUA AZBITONENSE»

Realiza-se hoje no jardim de Baltraças uma festa promovida por esta Sociedade Filarmónica, havendo Kermesse, cuja finalidade reverte a favor do seu cofre, devendo executar-se um sortello de repôrto e.

Uma carta

Eu não sou do numero daquelles que pretendem que a mulher seja o ente es-rivado de que nos falam as reminiscencias do passado. Talvez mesmo que esse facto tivesse implicado na nossa decadencia actual. Mas tambem não sou daquelles que pedem em griti enorme, a toda a força dos seus pulmões vigorosos, o voto para a mulher.

No dia em que a mulher se emiscuir nas tricas da vida politica, materialisou-se, o seu encanto fundiu-se na sombra dos egotismos e das vilezas.

Qual é então o papel da mulher?

O mais nobre de todos, aquelle que levanta mais alto as suas qualidades e virtudes.

A mulher acaba de cumprir, nos ensanguentados campos dessa incerta incerte, cuja recordação ha-de nocor pelos tempos em flor, a parte mais nobre da sua missão na terra.

E que provas de heroicidade, de abnegação, de amor?

Mas isto não é ser «Feminista» no sentido que se pretende dar a essa palavra, não; isso é ser verdadeiramente mulher, é patenciar toda a grandeza da sua alma, as qualidades affectivas do seu coração feito para o amor e para os grandes sacrificios.

A missão da mulher é ser o esteio, o conforto, o amparo do homem nos seus momentos de desamino, de cansaço, de amargura.

E quer na nossa casa, onde a cada coisa ella deve imprimir os encantos inextinguíveis da sua graça, transformando o lar num nubo tepido e confortavel, onde se acalentem os filhos, quer na sua elevada missão de educadora, em que deve empegar a sua intelligencia ligada á sua ternura, fazer dos filhos homens do futuro que

possam contribuir para o engrandecimento da nossa Pátria, façam a resignação, despartam a emfim deste marasmo em que lá muito se deixa embalar pela indifferença dos seus filhos.

O presente, depois desta lucta titânica que vem de lerir-se é do trabalho tenacissimo para conseguir alcançar o progresso que ella, nestes longos annos de angustia e devastação, derrubou.

— Lembra-me aquelle verso de Sá de Miranda: «Nunca se viu tam ruim mundo...»

Muito luctamos a dizer se fôssemos profutar as razões desta verdadeira flagelação, que é do hoje, mais do que foi no hontem. O papel da mulher como o do homem está definido claramente. Será o papel que attribuo a mulher de hoje, aquella que está a dentro da ideia — «feminismo»?

Seja ou não: Tem a palavra a nossa gentil colaboradora, a quem com o maximo respeito e admiração beijo a mão com a fidalga galantaria dos nossos avós.

Gastão Bettencourt.

... Sr. Gastão Baria de Bettencourt:

Sim, senhor! Muito bem! De lança em riste, o «Azeitonense» por sua dama, vem a lica em defesa da terra admiravel, da Cintura do sul, da bela Azetico, Esquecida, lá nesse cantinho privilegiado, essa terra de sonho que com tamanha saudade recorrio, tem hoje o seu jornal - o seu orgão - o que equivale dizer que desperta para a vida activa das grandes lutas regionalistas, sociais e politicas (que a vida é a luta intensa e a politica entremetida-se em todos os actos da nossa vida) e ainda para que recra-lor para o rejuvenescimento da nossa Patria que ha-de redimir-se pelo concurso de todos aquelles que, compreendendo a palavra «Patria» procuram encontrar no povo o amor pela terra, no que elle tem do bsto e solidador, como se vê do soneto bellissimo da Gastão de Bettencourt «Um lençol e nos versos simples e delicadamente bucolicos de Manuel Fernandes Cal In».

Que o «Azeitonense» continue na sua tarefa de engrauder uma terra de sonho onde se sonhe...

Não os votos sinceros da leitora que lhe prometo todo o seu concurso e amizade.

Estefania Costa.

FEMINISMO

A ideia está em marcha.

Não o Feminismo precedido por «miss» Panhrush — a mulher honra — mas a feminismo com toda a caracteristica d'uma reivindicação social e politica, tendo por base que lhe dá força, o fim a atingir, o «Amor» no que esta palavra tem de belo e sonhador; o Amor, élo forte da união das raças, traço conciliador de toda a humanidade.

A's grandes lutas succedem sempre as grandes conquistas e, não ha negação da que grande guerra foi posta á prova a dedicação e a heróicidade da mulher. Sim, senhores, a mulher prova servir para mais alguma coisa que os deveres conselhais do seu lar.

Nou o gizes asfianças, nem as balas ou as ciladas traiçoiras a desviaram do cumprimento do seu dever de velar por aquelles que sofriam e que longe das familias e da Patria, atravavam o ultimo beijo, o ultimo pensamento á Patria distante, á nova eleição do seu coração. E a mulher na guerra — a mulher heróica, ou se quiserem «feminista» olhava «ómente o seu dever de assistente prodigalizando carinhos, alimentando esperanças, influndido

alento ás almas que a tortura, a dôr imensa, tinha quebrantado. E esta, missão bellissima que a mulher desempenhou na grande guerra, não foi ainda julgada no seu justo valor... Porque?

E' o que no proximo numero veremos.

Estefania Costa.

AGUA

Na noticia que publicamos com este titulo dissemos, por engano, que se estava a abrir um novo mappa propriedade do nosso amigo Sr. Sebastião da Gama, quando o certo é que esse povo se está a abrir na estrada municipal onde fica uma propriedade dest' senhor, e por instancias do illustre vereador e nosso amigo Sr. Manuel Luiz dos Santos.

A verdade acima de tudo.

MISERICORDIA

Chamamos á atenção da illustre meza da Santa Casa da Misericórdia para o estado vergonhoso em que se encontra a frontaria da igreja, e mesmo de todo o edificio.

Havendo verba especial para reparações e limpeza, ignoramos qual o motivo porque o edificio se encontra em tal estado.

Ao correr da pena

(Colecção humoristica)

— Foi namo manhá tépida de agosto.

— Men Pau não querendo abandonar Vila Nogueira sem visitar a Serra d'Arrabida, finge de vesperá alegado os «ericos», que quietucamente nos haviam de conduzir lá. — Que alegria não foi a minha ao saber que seria destinado a mim um desses «animais fogueiros» que arrebittam as orelhas ao serem tratados pelo seu nome proprio.

— Tratei de arranjar uma chibata de louro, e convicto de que seria esta burricada a occasião favoravel para mostrar os meus raras merccimmentos em equitacao, antes logo o successo burriral que Vila Nogueira iria presenter.

— Depois do apresentado ao Mestre Pardeilhas, (era este o nome do burro), pedi-lhe mil desculpas de que ter leijo esperar tanto, sem ao menos o ter mandado subir, solicitand-lhe gentilmente me perdasse o ter comparecido a um acto daqueles, considerando um modestissimo feto de paletot, quando a etiqueta, recomendaria neste caso a jaleca de alamares, calça esticada e osetch.

— O'meu cara senhor! Pelo amor de Deus respondeu-me ele numa voz que o proprio Romão Gonçalves iria afirmar que teria sido amaciada a liôr Romaniin.

— E continuando: Vem muito bem! Ora está! Pois não vê que tambem venho em traje do passeio!

— O burro linba razão.

— O seu traje era o mais deisto possivel, pois que limitava-se a uma «casaca» com cerca de um metro quadrado de superficie, encunçao á palha, e com a gola um pouco já cogada.

— Era a moda «geri-al» daquelle tempo, e ao ouvir a franqueza do «gerico» persuadi-me logo que estava tratando com um burro de hum.

— Após terem todos montado aca-burro, pôz-se a peroracção em andamento, com grande manra de animatores que certamente deseseriam mais voltar á manjedoura do que fazerem parte daquela pitoresca excessão.

— Ao chegarmos á Arrabida, paragem encantadora onde o espirito se recreia ante a nostalgia e poetica paisagem que se distructa, onde o pensamento abiltando-se

á realidade divaga pelas regiões da fantasia, em não poderia deixar de versejar.

— Sim, porque o nossa data teria deztoz anos e nossa idade quem será que não faz versos!

— Se tudo nessa quadra nos sorri, se tudo nos parece alegre e a propria realidade um sonho para nós!

— Versejar! Não me lembro o que foi! Na vida tudo esquece e tudo passa como a arara-tem que ora alaga na roseira as pétalas d'uma rosa ressequida, ora as impie para longe do seu calix peritumado.

— E que desillusão!

— Se na ida a fantasia me acompanhou e fez olvidar as aspereras dum albardão onde em csto me equilibrava, no regresso... que fatal realidade me despertou desse sonho diáfano da poesia que me avassalou ante a magestade daquellas cernanias matizadas de urzes e boninas — Tapete acidinado de verdura, esmaltado pelas modestas flores da humidade.

— Que despertar!

— Tinha adormecido sobre aquella albarda que sorria ironicamente por todos os rasgoes por onde a palha fazia estôrços para evadir-se.

— Pobre burro! Quem sabe se ainda hoje existe!

— Sa acaso a pneumónica o não arrebatou, é digno duma pensão na velhice.

— Foi ele o unico que conseguiu com o auxilio duma albarda e dum troço que por vezes me fez chegar os intestinos ao esôfago, descobrir o motu-continuo.

Lihoa, 4 de Agosto de 1910.

A. Victor Machado.

AOS NOSSOS AMIGOS

A todas as pessoas a quem sciviamos o nosso primeiro numero e que até á data não o receberam, consideramos moças estimaveis saignicas, e que desde já agradecemos.

Tiveram já a amabilidade de mandarem pagar as suas assignaturas os seguintes amigos de Azeitonense: José Pinheiro de Macedo, Abilio Alves, Eulohério José Teixeira, José Manuel de Brito, Ambrósio dos Santos, Dr. Rodolfo d'Almeida, Manoel Pedro da Silva, Antonio Lopes da Costa Junior, D. Estefania Augusta Costa, João A. Theobaldo Pereira, José de Sousa, Calisto Orlião, Manoel Fernandes, Antonio Soiza Coimbra, Antonio Mendes, D. Cesarina Candida Hoje, Manoel Lopes, Esquilin Marques, Theodoro Silva.

O nosso jornal encontra-se á venda nos seguintes estabelecimentos de Lihoa:

Tabeacaria Barbosa, R. Nova do Carmo, José Augusto dos Santos, Havanosa de S. Domingos, T. de S. Domingos, 15 e 17; Tabeacaria Carvalho, 33 R. de S. Pedro «Alfanzar»; Alvaro Figueiredo, Limitada, 166 R. de Paula, 168.

Em Salsitã, na Tabeacaria de S. Luiz da Mel, R. Asta Girão.

Os nossos hospedes

Retirou-se no dia 5 do corrente para a sua terra natal—Gasa Branca—o nosso assinante e pressado amigo sr. José Ferreira Varela.

Festa de Nossa Senhora da Conceição

Devem realizar-se nos dias 17 e 18 do corrente festas em honra de Nossa Senhora da Conceição, na Igreja de S. Pedro, situada num local que tem o mesmo nome. Estas festas devem ser abrilhantadas pela Filharmonica «Perpetua Azeitonense».

Feira do Gado

Realisou-se no nítimo domingo a feira mensal de gado, que esteve muito concorrida fazendo-se belas transações.

ARMAZEM
DE
GENÉROS ALIMENTÍCIOS
Cereais, vinhos e azeites

drogas, ferragens e calçado
Fabrica de licores, limonada gazosa
xarops, soda water

CARVALHO SERRA, Limitada

Deposito para exportação e mantimentos para navios

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Fabrica de conservas de peixe em azeite

Enfiteusego Telegrafica

Serracilhas

ALMADA

Telefone n.º 11

CACILHAS

Manoel Rodrigues (O Cego)

RUA DIREITA (so lado da Misericordia)—AZEITÃO

Antiga e acreditada casa
dos deliciosos bolos de Azeitão

Recebo encomendas destes bolos e encarrega-se de almoços e jantares para pequenas ou grandes familias e para «pic-nics», sendo avisado por postal ou telefone. Também se encarrega de arranjar quartos.

MOAGEM
DE
CEREAIS

QUINTA VELHA
AZEITÃO

Môe de conta alheia pelos preços da lei: trigo, milho e centeio. Farina ou tritura outros cereais por ajuste especial.

IGNACIO AUGUSTO BASTO CRUZ

Rua Direita - Azeitão

Armazem do género de mercearia, cereais, legumes, azeites, vinhos engarrafados, gonbrá, garrações, vidro em chapa, tintas, ferragens nacionais e estrangeiras, folha de Flândres, chumbo, estanho, etc. Depósito de tabacos.

RETIRO VILA JACINT

1888

MIGUEL FERNANDES CALEIRO

Nos Bregos

• Casal Bolinhos •

• Estrada da Coia •

Mercearia e be'lo retiro com bons petiscos e deliciosos vinhos.

Ex-Barraca de Pau

DE
Antonio Adriano Valido

AZEITÃO

R. entre da vila

Generos de mercearia da primeira qualidade e diversos artigos. Especialidade em CAVACAS de Azeitão e delicioso vinho Moscatel. Depósito do gazozas e refrigerantes.

PREÇOS RESUMIDOS

ARMAZEM AZEITÃO

José Maria da Fonseca

SUCESSORES

Largo do Corpo Santo, 6. 2.º—Lisboa

ARMAZEM AZEITÃO

Telefone n.º 2

TELEPHONE

Est. Tel. 480210.

Vinho Moscatel de Setubal

Vinho Moscatel de Setubal Roxo

Vinho Palmela Superior

Cognac Moscatel

Vinho Moscatel de Setubal Superior

Moscatel Velho (de torna viagem)

Moscatel de Setubal (novo)

Aguardente Moscatel

Lobato L. da Telefone Central 1374

Longa, vidra e cristais das melhores fabricas nacionaes e estrangeiras. Encomendas em objectos proprios para leilões.

232, RUA DA PALMA, 234 — LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

“A Gloria Portuguesa”

Sede em Lisboa—Capital 250 contos

Sociedade Anonima—Responsabilidade Limitada

Delegação em Setubal

P. de Bezaga

77-82

Premios em competencia com todas as outras companhias

seguras

Seguros a saber:

Vida, dotes e rendas vitalicias, fogo, roubo, transportes, postais, pecuarias; agricolas, maritimas, comerciais e industriais, mobilias, seguros e cristais, guerra, acedentes, grevos e tumultos

Delegado em Setubal

d. b. Santos

Agente em Azeitão

Manuel Pedro Soares

Antonio Ferreira da Silva

CASA MISTA

EM ALDEIA DE IRMÃOS-AZEITÃO

Mercearia, Fazendas,

Ferragens, Perfumarias e Drogas.

Calçado de todas as qualidades e lato feito

Sulfato de cobre. Enxofre.

Artigos de papelaria. Cereais.

Legumes e Padaria

— PREÇOS LIMITADOS —

Pharmacia Crespo

DE
Luis Manoel Crespo

RUA DIREITA-AZEITÃO

Especialidades farmaceuticas

Fazem-se analyses

Avia-se todo o recetuario

com o maior escrupulo

BANCO DE SEGUROS

Acetam-se seguros em todos os ramos, a premios muito reduzidos.

Para informacoes dirigi-se a

JOSÉ EBRUJIA — SEIXAL

Para informacoes dirigi-se a

JOSÉ FERREIRA DUARTE (O MOITA)

Com cocheira a serviço de diligencia entre o Barreiro e Azeitão.

Encarrega-se de todo o serviço concernente á sua arte, e manda buscar familias a qualquer dos vapores do Barreiro, Seixal ou Cacilhas, sendo avisado pelo telefonos ou telegrama para

MOITA—AZEITÃO

Manuel Pedro da Silva, L.ª

LISBOA

Guarda-chuvas e sombrinhas. Sempre novidades. Bengalas da moda, pentes, travessões, ganchos com lindas pedras e laques de fantasia.

76, RUA NOVA DO ALMADA, 78

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

MOITA—AZEITÃO

CASA E. DA CUNHA E SA—Editores

FUNDADA EM 1866

Especialidade em bilhetes de visita

Rua da Princesa, 78, 1.º

Travessa do Jardim, 12

LISBOA